

Produção de clíticos por crianças em idade pré-escolar em contexto de imitação provocada¹

Sónia Correia Vieira

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Abstract

Elicited imitation (EI) is a technique widely used on the assessment of language competence. However it is surrounded by opposite views regarding its efficacy. In the present study the production of clitics by 210 preschool children was tested using an elicited imitation technique and compared to previous studies that used other elicitation procedures. The results showed that the production of clitics increased significantly in the EI technique. It also showed that the production of clitics is significantly correlated with age. The different results between the age groups seem to indicate that children only imitate sentences that are already part of their linguistic system.

Keywords: Imitation, Clitics, Language, Syntax.

Palavras-chave: Imitação. Clíticos, Linguagem, Sintaxe.

1. Introdução

Em terapia da fala, a sintaxe tem sido uma das áreas menos desenvolvidas no que diz respeito à avaliação e tratamento. Um dos motivos poderá estar relacionado com o facto de a competência sintáctica ser uma das áreas mais difíceis de avaliar em crianças pré-escolares e, por isso, mais evitada. Um dos principais métodos utilizados é a recolha do discurso espontâneo/provocado. Apesar de a análise das produções infantis ser rica em conteúdo, é, no entanto, difícil e morosa na sua cotação e não oferece parâmetros de comparação, essenciais para um diagnóstico preciso. Para além disso, mesmo que a criança não produza uma determinada estrutura sintáctica no seu discurso, isso não

¹ Este trabalho insere-se no Projecto de Doutoramento SFRH/BD/27576/2006 e foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e pelo Projecto PTDC/LIN/68024/2006. Tem como orientadora principal a Professora Doutora Anabela Gonçalves.

implica que ela ainda não a tenha adquirido. Há ainda a considerar que uma detecção precoce de crianças com possíveis alterações da linguagem se torna cada vez mais premente, considerando que vários estudos referem que o sistema neurológico da fala e da linguagem se desenvolve durante os primeiros anos de vida (Mayeux & Kandel, 1999; Mehler & Cristophe, 2000; Stromswold, 2000). Com isto em mente, há uma maior preocupação em utilizar sistemas de avaliação capazes de diagnosticar eficazmente alterações de linguagem.

Tendo em conta os factores acima referidos, estamos a desenvolver um teste de avaliação sintáctica em crianças pré-escolares que pretende obter de forma rápida e fiável um perfil de competência sintáctica. Esse teste é adaptado de uma bateria de testes desenvolvida na Holanda por Schlichting & Spelberg (2003), denominado provisoriamente *Teste Pré-escolar de Competência Sintáctica*, e utiliza como técnica principal de eliciação verbal a Imitação Provocada (IP). A IP consiste na imitação total ou parcial de determinadas estruturas sintácticas fornecidas pelo experimentador. De acordo com alguns autores (Slobin & Welsh, 1968; Bloom *et al.*, 1974), a intenção de falar e o suporte contextual para a frase a imitar são dois factores que contribuem para a capacidade de produção e estão em falha em tarefas de IP. No teste que estamos a desenvolver, não se pretende que a imitação seja reduzida a uma reprodução de palavras sem significado por parte da criança. Por esse motivo, todas as frases emitidas têm um objectivo comunicativo e são apresentadas num contexto funcional. A utilização da imitação neste teste, parte do pressuposto que as crianças apenas irão imitar frases que estão ao nível, ou ligeiramente acima das suas capacidades linguísticas. Assim, neste trabalho, iremos defender que a técnica de IP utilizada no nosso teste reflecte o conhecimento sintáctico das crianças pré-escolares. Para esse efeito, e no âmbito deste estudo, optou-se por analisar apenas três dos 44 itens que fazem parte do teste em preparação. A escolha destes itens em particular deveu-se ao facto de ser possível uma comparação inter-item (visto todos eles testarem a produção de clíticos) e ao facto de já existirem vários estudos para o Português Europeu sobre a produção de clíticos por crianças pré-escolares, o que permitirá avaliar até que ponto diferentes técnicas de eliciação produzem resultados distintos.

2. Imitação Provocada e o seu uso em testes de linguagem

A técnica de IP tem sido utilizada na avaliação da linguagem nos últimos 35 anos em três áreas de investigação principais, nomeadamente, linguagem na criança, neuropsicologia e aquisição de uma segunda língua. Esta técnica, que foi primeiramente descrita por Slobin & Welsh (1968), consiste na repetição por parte do sujeito de uma frase que foi momentos antes proferida pelo examinador. Um dos problemas levantados à sua utilização na avaliação de competências linguísticas consiste na dificuldade em saber destrinçar se o sujeito compreende o modelo verbal que está a repetir ou apenas o está a “papaguear“. De acordo com Vinther (2002), se a imitação implica compreensão do modelo verbal, então o sujeito processou e codificou o material verbal de acordo com a

gramática interna que lhe está disponível. No entanto, se a imitação apenas consiste numa repetição estereotipada de um conjunto de sons, apenas estaremos a avaliar a capacidade perceptivo-motora do indivíduo. Isto significa que, quando uma frase não é compreendida, ela apenas poderá ser imitada correctamente se for suficientemente curta para ficar retida na memória imediata como uma imagem acústica.

Slobin e Welsh (1968) elaboraram um estudo longitudinal de três meses, tendo analisado o desenvolvimento linguístico de uma criança de dois anos de idade. Os resultados mostraram que, embora a criança pudesse produzir frases espontaneamente que de seguida não conseguia imitar, o contrário também se verificava. Ou seja, a criança podia também imitar frases que excediam as suas produções espontâneas. Estes autores concluíram que o que quer que se descubra no âmbito da imitação deverá sempre ser considerado uma estimativa conservadora da competência linguística da criança.

Gallimore e Tharp (1981) foram os primeiros a testar a técnica num contexto cuidadosamente controlado. Assim, durante anos e em intervalos regulares, conduziram cinco tipos de estudos diferentes, de forma a testar a eficácia da técnica de IP. Um dos estudos incluiu uma comparação entre as produções das crianças num contexto naturalista (durante um jogo) e os resultados de um teste elaborado pelos autores e que utilizava a técnica de IP. Concluíram que esta técnica não só produz resultados altamente fiáveis em contextos estandardizados, como também está positivamente correlacionada com a competência linguística da criança em contextos mais espontâneos. Corrigan e Di Paul (1982, citados por Vinther, 2002) e Valian *et al.* (1996) reforçaram que a IP é muito útil na promoção de orações que tendem a ser pouco frequentes no discurso espontâneo, mas que ainda reflectem a competência cognitiva da criança. Murphy e Shapiro (1994, citados por Erlam, 2006) demonstraram que um teste de imitação provocada desenvolvido de forma a focar a atenção dos falantes no significado ao invés da forma terá uma maior probabilidade de ser mais reconstrutivo. Erlam (2006) reforça essa questão e chama a atenção para o facto de que a forma como o teste é formulado poderá determinar de forma significativa até que ponto a IP é uma medida do sistema interno do falante ou apenas está a testar a sua capacidade para imitar *ipsis verbis* um determinado estímulo, sem que tenha ocorrido processamento da informação verbal.

3. Aquisição dos clíticos: estudos anteriores para o Português Europeu

Vários trabalhos, como os desenvolvidos por Costa & Lobo (2005; 2006), Carmona e Silva (2006) e Silva (2007), permitiram um conhecimento mais alargado acerca da aquisição de clíticos em Português Europeu. Todos eles utilizaram a produção elicitada como técnica de avaliação experimental, de forma a levar a criança a produzir uma determinada estrutura sintáctica. Ao contrário da IP, em que o examinador produz, momentos antes, a estrutura sintáctica a imitar, naquela técnica “a orientação por parte do experimentador destina-se a preparar o contexto e os ingredientes para a produção da estrutura-alvo, mas sem interferir na sua formulação” (Carmona e Silva, 2006:202).

Costa e Lobo (2005) testaram a produção de clíticos em três contextos, nomeadamente, contexto de ênclise, de próclise e em contexto de ilha. A tarefa de produção elicitada, aplicada a 21 crianças dos dois aos quatro anos, incluía uma representação com bonecos após a qual a criança teria que corrigir ou ajudar um boneco que apresentava dados incorrectos de uma história que era contada. O contexto favorecia a produção de clíticos visto que o objecto era mencionado previamente na história. Os resultados indicaram que, para todas as condições, a não produção de clíticos ocorria até uma idade mais tardia, comparativamente a outras línguas com omissão de clíticos, como é o caso do Espanhol e do Grego. Propuseram, assim, a existência de dois factores possíveis para explicar a omissão de clíticos: a *Unique Checking Constraint* (UCC) e a complexidade. A UCC (Tsakali & Wexler, 2003) é um princípio de restrição de verificação única de traços, que está sujeita a maturação e que é responsável pela correlação entre a existência de concordância de participio passado, presente em algumas línguas, e a omissão de clíticos em estádios iniciais de aquisição. No entanto, a UCC falha em explicar por que razão, no Português Europeu, a omissão dos clíticos ocorre em fases mais tardias do desenvolvimento. Assim, foi apontada a complexidade do sistema como factor explicativo da omissão. De forma a definir complexidade, os referidos autores recorreram à hipótese formulada por Reinhart (2004), de acordo com a qual escolhas pós-sintácticas entre derivações convergentes podem conduzir a problemas de processamento, não só relativamente à compreensão, como também à produção. O processo necessário para determinar qual a derivação mais apropriada para um determinado contexto irá ter como consequência um maior custo de processamento da informação e, como tal, uma aquisição mais tardia da estrutura. No que diz respeito aos clíticos, o facto de existirem contextos em que a estrutura com clítico compete com a estrutura com objecto nulo implicará custos de processamento para a criança. Esta hipótese explica que a causa da omissão de clíticos para o PE não seja atribuível a um princípio de maturação, mas sim à complexidade do sistema.

Costa e Lobo (2006) conduziram um outro estudo, de forma a analisar os clíticos reflexos, que, ao contrário de outro tipo de clíticos, não alternam com a construção de objecto nulo. Visto que a complexidade do sistema é menor para este tipo de clíticos, se a causa da omissão decorresse apenas de factores maturacionais, não seriam esperadas diferenças significativas entre os clíticos reflexos e os não reflexos. No entanto, os resultados apontaram para uma produção de clíticos reflexos superior à de não reflexos, o que reforça a ideia de que a omissão de clíticos é devida à complexidade do sistema e não a um princípio maturacional.

Por sua vez, Carmona & Silva (2006) testaram a produção de clíticos dativos nas 1ª, 2ª e 3ª pessoas através de 36 tarefas de produção elicitada, aplicadas a 14 crianças dos três aos quatro anos de idade. Os resultados apontaram para uma maior percentagem de omissão de clíticos dativos de 3ª pessoa comparativamente aos de 1ª e 2ª pessoas, resultados esses que corroboraram os anteriores relativamente à hipótese de que a complexidade do sistema surge como factor determinante para a omissão de clíticos, visto que a UCC não prediz que haja diferenças relacionadas com pessoa.

Finalmente, Silva (2007) efectuou um estudo mais alargado, tendo analisado a aquisição de clíticos acusativos, dativos, reflexos e não argumentais em 70 crianças dos três aos seis anos e meio de idade. Os resultados apontaram para uma maior produção de clíticos reflexos e não argumentais comparativamente aos clíticos acusativos e dativos. Foi observada uma generalização do padrão enclítico, apesar da presença de elementos que atraíam o clítico para uma posição proclítica, tal como já tinha sido referido por Duarte, Matos & Faria (1995) e Duarte & Matos (2000). Uma diferença significativa relativamente aos estudos anteriores foi o facto de Silva (2007) ter encontrado um efeito da idade na produção de clíticos, ou seja, a produção de clíticos aumentou com a idade, ocorrendo, conseqüentemente, uma diminuição de objecto nulo.

4. Metodologia

4.1. Procedimentos

Para este estudo, foram analisados apenas três dos 44 itens que fazem parte de um teste de produção sintáctica pré-escolar², visto envolverem o mesmo tipo de estrutura sintáctica - a produção de clíticos. Os clíticos foram testados em três condições distintas: Condição 1 - em contexto de ilha forte, forma acusativa (ver fig. 1); Condição 2 - em contexto de ênclise, forma dativa (ver fig. 2); condição 3 - em contexto de ênclise, forma acusativa, reflexo (ver fig. 3)³. Durante a aplicação, a criança era convidada a produzir uma frase com a estrutura sintáctica da frase proferida pelo experimentador, mas inserida num contexto funcional. Ou seja, a repetição/completamento de uma frase por parte da criança era realizada como resposta ao contexto criado pelo experimentador.

Na condição 1, foi utilizada a técnica de imitação exacta (figura 1), pretendendo-se que a criança produzisse a frase previamente proferida pelo examinador. Não foi pedida à criança a produção da frase completa, mas apenas da parte final. Isto porque, dada a longa extensão do enunciado, seria provável que a criança não respondesse ao item devido a uma sobrecarga da memória a curto prazo e não por questões relacionadas com o seu conhecimento sintáctico.



Figura 1: Condição 1 – Clítico em contexto de ilha forte, forma acusativa

² Vieira, Sónia (em preparação). *Teste Pré-escolar de Competência Sintáctica*.

³ As imagens utilizadas foram criadas especificamente para este teste por uma ilustradora.

O examinador mostrava a imagem à criança e dizia: *Esta menina está a brincar às escondidas com o pai e com a mãe. Ela está bem escondida. O pai parou de procurar porque não a viu. A mãe parou de procurar porque também* A resposta pretendida era: *não a viu.*

Nas condições 2 e 3, foi utilizada a técnica de imitação com variação, o que significa que a estrutura sintáctica a imitar era a mesma, mas com variação lexical. Dito de outra forma, a criança era convidada a imitar uma frase com a mesma estrutura sintáctica da proferida pelo experimentador, mas com alteração de uma palavra.



Figura 2 : Condição 2 – Clítico em contexto de ênclise, forma dativa

Para a condição 2 (fig. 2), foram utilizados dois acetatos com imagens de um casaco e de umas botas, que se sobrepunham à imagem dos dois meninos. Era criado o seguinte contexto comunicativo: *Olha, estes meninos vão brincar lá para fora. Mas este não pôs o casaco e este não pôs as botas. Vamos dar a cada um o que falta. Eu dou-lhe o casaco* (ao mesmo tempo que o examinador proferia a última frase, manipulava o acetato com a imagem do casaco de forma a que fosse colocado por cima do primeiro menino). *Agora, tu.* A resposta esperada seria *Eu dou-lhe as botas*, enquanto a criança manipulava o seu acetato e o colocava por cima do segundo menino.

Para a condição 3, era mostrada a imagem de duas meninas (fig. 3). O examinador dizia à criança: *Olha, duas meninas. Ela* (apontando para a da esquerda) *lava-se. E ela* (apontando para a da direita). A resposta pretendida seria: *Penteia-se*⁴.

Em todas as condições, o vocabulário utilizado foi de um nível de dificuldade baixo, de forma a garantir que, caso a criança não produzisse um determinado enunciado, seria por motivos sintácticos e não lexicais.

⁴ É importante salientar que a entoação foi de extrema importância na forma de apresentação dos itens. De forma a que a criança reproduzisse os enunciados pretendidos, era necessário criar uma entoação que colocasse ênfase na estrutura-alvo a imitar.



Figura 3: Condição 3 – Clítico em contexto de ênclise, forma acusativa (reflexo)

4.2. Descrição da amostra

A amostra deste estudo foi constituída por 210 crianças com idades compreendidas entre os três e os seis anos, pertencentes a sete estabelecimentos de ensino da área da Grande Lisboa (três da rede pública, três da rede privada e uma Instituição Particular de Solidariedade Social).

As idades foram distribuídas da seguinte forma:

- Faixa etária dos 3A0M aos 3A11M (n = 65)
- Faixa etária dos 4A0M aos 4A11M (n = 62)
- Faixa etária dos 5A0M aos 6A0M (n = 83)

O contacto inicial foi realizado com a direcção das escolas, à qual foi solicitada autorização para realizar este estudo. Posteriormente, foram contactadas as respectivas educadoras, de forma a que nos pudessem auxiliar na escolha das crianças. Foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão na selecção da amostra: Português Europeu como língua materna; ausência de deficiência mental, visual e/ou auditiva; desempenho linguístico não inferior à sua idade cronológica, de acordo com avaliação informal da educadora/professora. Os pais deram o seu consentimento escrito, após a distribuição de um documento que explicava os objectivos e procedimentos deste estudo.

A aplicação foi realizada individualmente e, na maior parte das vezes, apenas estiveram presentes o examinador e a criança⁵. As respostas obtidas eram registadas numa folha de inquérito elaborada para o efeito.

O período de aplicação decorreu entre Março e Junho de 2009.

⁵ Por vezes, era necessária a presença da educadora na sala de forma a que a criança aceitasse participar no teste.

4.3. Tratamento dos dados

Os dados obtidos foram inseridos numa base de dados, tendo sido utilizado para o efeito o Software SPSS versão 16.0. Posteriormente, foi realizada a sua análise estatística. Os dados foram analisados de acordo com a idade e o tipo de clítico. As crianças foram divididas em três grupos etários: dos 3A0M aos 3A11M (Grupo etário 1), dos 4A0M aos 4A11M (Grupo etário 2) e dos 5A0M aos 6A0M (Grupo etário 3). A análise dos dados foi efectuada em duas fases: uma primeira, em que se atribuiu a pontuação 0 para a não produção do clítico e a pontuação 1 para a sua produção, e uma segunda, em que para um tratamento de dados mais detalhado, foram também analisadas as respostas de cada criança e divididas em diferentes categorias, nomeadamente: produção do clítico, forma nula, ausência de resposta, produção de DPs, substituição ou má colocação do clítico e outros. A primeira fase de tratamento dos dados permitiu uma análise estatística baseada no teste de Qui-quadrado, em que se pôde relacionar a produção vs não produção do clítico relativamente aos grupos etários.

5. Resultados

O Gráfico 1 mostra a percentagem de produções para cada tipo de clíticos. Verifica-se que o clítico reflexo acusativo obteve um maior número de percentagem de produções (68%), seguido do clítico dativo em ênclise (64%) e, por último, surgiu o clítico acusativo em contexto de ilha forte, que obteve 60% de produções.

Através de uma correlação bisserial, foi possível observar que, para todas as condições, a produção do clítico apresenta uma correlação positiva com a idade, ou seja, a produção de clíticos aumenta com a idade (condição 1: $rb = .363$, $p < 0.01$; condição 2: $rb = .392$, $p < 0.01$; e condição 3: $rb = .346$, $p < 0.01$).

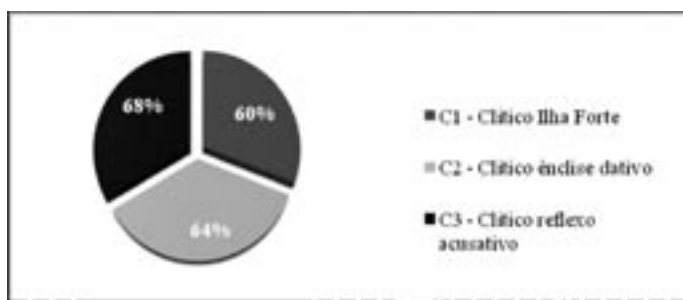


Gráfico 1 : Percentagem de produção de Clíticos para cada condição

Analisando apenas os resultados da condição 1 para os três grupos etários (Gráfico 2), verifica-se que o clítico em contexto de ilha forte foi produzido por 78% das crianças

do grupo etário dos 5 anos de idade, 52% das crianças do grupo etário dos 4 anos de idade e 43% das crianças do grupo etário dos 3 anos de idade. A forma nula foi a segunda estratégia a ser utilizada por todos os grupos etários. Fazendo uma análise mais detalhada entre os grupos etários, verifica-se que o teste Qui-quadrado mostra que não existe relação entre a produção/omissão do clítico em contexto de ilha e os grupos etários dos 3 e 4 anos ($X^2(1) = 0.928, ns$) mas já se torna significativo para os grupos etários dos 4 e dos 5 anos ($X^2(1) = 1.143, p < 0.01$). Assim, não há diferenças significativas no desempenho das crianças de 3 e 4 anos de idade relativamente à produção do clítico em contexto de ilha forte, mas podemos afirmar que as crianças de 4 anos produzem significativamente menos clíticos acusativos em contexto de ilha forte do que as crianças de 5 anos de idade.

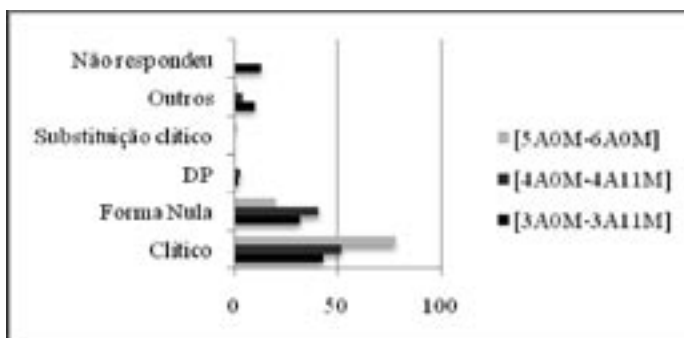


Gráfico 2 : Resultados Condição 1 - Clítico em contexto de ilha forte, forma acusativa

Relativamente à condição 2 (gráfico 3), verifica-se que o clítico dativo foi produzido por 40% das crianças de 3 anos de idade, 69% das crianças de 4 anos de idade e 80% das crianças do grupo etário de 5 anos de idade. O teste de Qui-quadrado revelou que essas diferenças foram significativas para o grupo dos 3 anos comparado com os de 4 ($X^2(1) = 1.102, p < 0.01$), mas não para o grupo dos 4 anos comparado com o dos 5 anos ($X^2(1) = 1.964, ns$). Isto significa que o grupo etário dos 3 anos de idade produziu significativamente menos clíticos dativos comparativamente aos grupos etários dos 4 e 5 anos de idade. Olhando para o grupo etário dos 3 anos de idade, verifica-se que as crianças deste grupo recorreram mais à forma nula do que à produção do clítico, embora essa diferença não tenha sido estatisticamente significativa. Na categoria “outros”, foram colocadas as respostas em que não foi produzida a mesma estrutura sintáctica. Assim, em vez de as crianças produzirem a frase: *Eu dou-lhe as botas*, as suas respostas variaram entre *umas botas*; *já tem as botas*; *agora podem brincar*, entre outras.

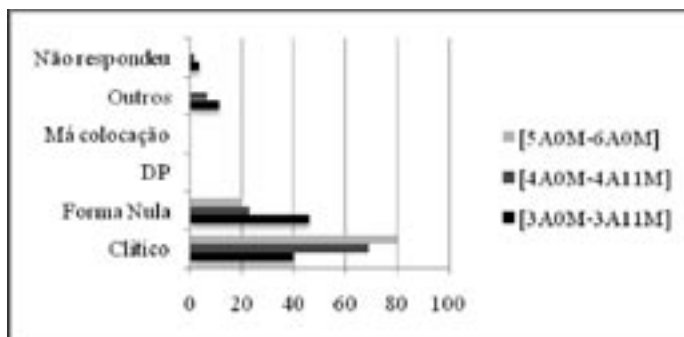


Gráfico 3 : Resultados Condição 2 - Clítico em contexto de ênclise, forma dativa

Relativamente à condição 3 (Gráfico 4), verifica-se que o clítico reflexo foi produzido por 46% das crianças do grupo etário dos 3 anos, por 65% das crianças do grupo etário dos 4 anos e por 87% das crianças pertencentes ao grupo etário dos 5 anos. O teste do Qui-quadrado mostra-nos que há uma relação significativa entre a produção do clítico e os grupos etários. Ou seja, o grupo etário dos três anos produziu menos clíticos do que o grupo etário de 4 anos ($X^2(1) = 4.325, p < 0.05$), que, por sua vez, produziu menos clíticos do que o grupo etário dos 5 anos ($X^2(1) = 9.977, p < 0.05$). É interessante verificar que, comparativamente às condições anteriores, ocorreu uma maior competição entre a forma nula e a produção de DPs, principalmente em relação às crianças pertencentes aos grupos etários de 3 e 4 anos de idade (as crianças produziam a frase: *penteia o cabelo* ao invés de produzirem o clítico). Uma percentagem muito reduzida de crianças colocou incorrectamente o clítico numa posição proclítica, ao produzir a frase: *Ela se penteia*.

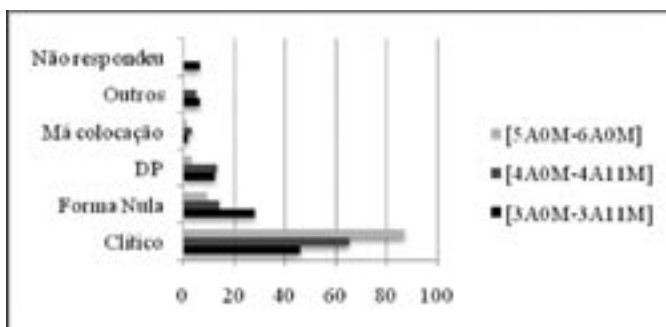


Gráfico 4: Resultados Condição 3 - Clítico em contexto de ênclise, forma acusativa (reflexo)

O Gráfico 5 permite uma melhor visualização dos vários tipos de resposta de cada grupo etário, relativamente ao tipo de clítico. Assim, no eixo do Y está representada a percentagem de respostas para cada categoria (clítico, forma nula, DP, etc) e no eixo do X,

as três condições estudadas para cada grupo etário. Observando apenas a linha referente ao clítico, é notório que, à medida que a idade aumenta, aumenta também a produção de clíticos. Proporcionalmente, há uma diminuição da forma nula.

Na condição 2, as crianças do grupo etário dos 3 anos (Cond. 2 -GE3) utilizaram a forma nula como estratégia preferencial em relação à produção do clítico.

O clítico reflexo (condição 3) obteve uma taxa de omissão inferior à dos restantes clíticos. No entanto, foram encontradas formas nulas em todos os contextos. Olhando em particular para as formas nulas em contexto de ilha e em contexto de clítico reflexo (cuja omissão não é possível na gramática do adulto), verifica-se uma sobregeneralização do objecto nulo, tal como foi encontrado em outros estudos (Costa & Lobo, 2005; 2006; Carmona & Silva, 2006; Silva, 2007). A produção de DPs foi apenas mais visível para o clítico reflexo (condição 3).

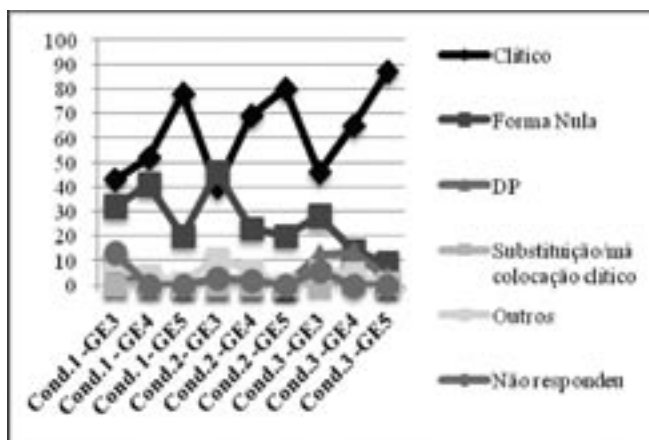


Gráfico 5: Resultados globais obtidos para as três condições de acordo com os grupos etários (GE)

6. Discussão dos resultados

Relativamente aos estudos de Costa & Lobo (2005; 2006), Carmona & Silva (2006) e Silva (2007), os resultados da aplicação dos nossos itens revelam um maior número de produção de clíticos para todas as condições. É, igualmente, possível observar que a produção do clítico está significativamente relacionada com a idade ($p < 0.01$), o que é concordante com os resultados apresentados por Silva (2007).

Analisando os resultados da condição 1 (clítico acusativo em contexto de ilha forte), é de salientar a competição existente entre a produção do clítico e a forma nula, mesmo quando esta não é permitida pela gramática do adulto, o que confirma a hipótese de sobregeneralização do objecto nulo (Costa & Lobo, 2006). Essa sobregeneralização pode ser observada não só para a condição 1, como também para a condição 3 (clítico

acusativo reflexo), em que, apesar de o contexto tornar agramatical a omissão do clítico, este ainda está presente, principalmente no grupo etário dos 3 anos de idade.

Visto que as condições 1 e 3 não permitem a ocorrência de objecto nulo na gramática do adulto, esperar-se-ia que a não produção do clítico fosse substituída por um aumento de DPs (Costa & Lobo, 2005; 2006). No entanto, esse aumento apenas pode ser observado para a condição 3. Um dos motivos para esta diferença poderá estar relacionado com o contexto criado. Na condição 1, o objecto foi mencionado várias vezes ao longo da introdução ao item. Não só o experimentador diz inicialmente que a menina está a brincar às escondidas, como também que está bem escondida e finalmente que o pai não a viu. Há, portanto, três vezes menção ao objecto. No caso do clítico reflexo, a entidade designada (i.e. a própria menina) apenas é referenciada uma vez, na introdução ao item. Ou seja, o contexto criado torna possível produzir o objecto directo como clítico reflexo (sendo correferente de *a menina*) ou como DP (neste caso, o cabelo). Assim, o tipo de apresentação do estímulo na condição 1 não convida à produção de um DP, visto que o objecto foi várias vezes mencionado previamente. Já a forma de apresentação do estímulo na condição 3, torna igualmente provável que a situação descrita pelo verbo *pentear* envolva a própria menina ou o seu cabelo, tornando mais provável a ocorrência de DPs.

Uma das maiores críticas apontadas à técnica de imitação provocada é o facto de poder dar lugar a uma repetição estereotipada de um conjunto de sons, sem que tenha havido compreensão do estímulo. Analisando os três tipos de condições, poderíamos afirmar que a condição 1 seria a que tornaria mais provável a ocorrência de um tipo de imitação estereotipada, não só porque é a única condição em que existe imitação exacta, sem qualquer variação lexical, como também porque a expressão a imitar é curta, tendo a criança de produzir apenas uma parte do enunciado. Se o sucesso na resposta estivesse relacionado com a extensão da frase a imitar e com o tipo de imitação, seria de esperar que o clítico em contexto de ilha alcançasse um maior número de produções do que aquele que, na verdade, obteve.

Consideremos, agora, a posição em que o clítico surge. De acordo com Duarte & Matos (2000), as crianças tendem a generalizar a ênclise, mesmo em padrões de próclise. Os resultados para a condição 1 revelaram que, em contexto de imitação, essa generalização não ocorreu, o que parece indicar que, face ao modelo fornecido pelo experimentador, as crianças ou produzem o clítico na posição correcta, ou optam por omiti-lo.

Para a condição 2 (clítico dativo), verificou-se preferencialmente uma competição entre o objecto nulo e a produção do clítico. Estes dados diferem dos de Carmona & Silva (2006), cujos resultados relativamente ao clítico dativo num contexto de produção elicitada apontam para uma competição entre objecto nulo, clítico e pronome forte. Das três condições apresentadas, esta é a única em que é legítimo alternar entre a produção do clítico e a sua forma nula. No entanto, em contexto de imitação há uma clara preferência para a produção do clítico no que diz respeito aos grupos etários dos 4 e 5 anos de idade. Curiosamente, para o grupo etário dos 3 anos de idade, esta foi a condição em que se

verificou uma maior produção de formas nulas comparativamente às restantes condições. Mais uma vez estes resultados não parecem apontar para uma repetição estereotipada do estímulo, mas sim para comportamentos distintos nos diversos grupos etários. Assim, para as crianças de 4 e 5 anos de idade, este tipo de clíticos parece estar bem estabilizado, daí a sua produção atingir percentagens elevadas. Relativamente às crianças de 3 anos de idade, a estabilização ainda não parece estar completa. No entanto, parece existir uma maior sensibilidade, comparativamente aos outros clíticos, quanto ao facto de ser possível, na gramática do adulto, a alternância entre a produção do clítico e a sua forma nula.

De acordo com Costa & Lobo (2006), a hipótese de complexidade prediz que os níveis de produção de clíticos reflexos sejam significativamente maiores, uma vez que se trata de um contexto em que, não havendo competição entre clítico e objecto nulo, a complexidade se encontra reduzida. O que se verificou no teste aqui aplicado foi que, de facto, este tipo de clítico obteve uma percentagem maior de produções (69%). A questão que se coloca é a de saber por que razão se verifica um aumento significativo na produção dos clíticos em contexto de imitação comparativamente a estudos que utilizam outras técnicas de elicitación. De acordo com Reinhart (2004), no processo de aquisição da língua, o facto de coexistirem estruturas sintácticas concorrentes, tendo a criança que seleccionar a melhor, conduz a um custo de processamento que, por sua vez, poderá induzir um número baixo na produção de clíticos. Em contexto de imitação, poderemos levantar a hipótese de que esse custo de processamento é atenuado, visto que a selecção da estrutura sintáctica mais adequada para um dado contexto é feita pelo experimentador, o que poderá explicar o aumento significativo na produção dos clíticos neste estudo. No entanto, os resultados diferenciados entre os diferentes grupos etários parecem apontar para o facto de que as crianças apenas imitam as estruturas que já se encontram disponíveis na sua gramática. Se a imitação fosse apenas um acto de pura repetição, não seriam esperadas diferenças tão significativas entre os grupos etários, pois qualquer um deles teria capacidade para reproduzir *ipsis verbis* o material verbal, especialmente os enunciados com uma extensão média curta.

Resumindo, podemos afirmar que em contexto de imitação:

- a) A produção de clíticos está dependente da idade.
- b) Há uma preferência pela produção do clítico e não pela omissão, com excepção do que se verifica na condição 2, em que o grupo etário dos 3 anos optou tanto pela produção do clítico como pela forma nula.
- c) É possível observar uma evolução (referida em Silva, 2007) relativa a estas estruturas sintácticas, no sentido em que há uma fase inicial de omissão e, no caso das condições 1 e 3, sobregeneralização da forma nula, seguida de uma gradual produção de clíticos, que está presente de forma nítida no grupo etário dos 5 anos de idade.
- d) Parecem existir assimetrias na produção dos três tipos de clíticos testados, sendo o clítico acusativo em contexto de ilha forte o que oferece menos produções por parte dos grupos etários. As elevadas percentagens de produção do clítico reflexo parecem apontar para um maior domínio das propriedades associadas a este clítico.

e) Não ocorreu generalização da ênclise, fenómeno que poderia ter sido observado na condição 1.

f) Há uma estabilização tardia na colocação de clíticos, mesmo em contexto de imitação.

7. Conclusões

Em contexto de imitação provocada, e comparativamente a estudos que utilizam outras técnicas de elicitación de dados, foi possível observar um aumento significativo na produção de clíticos. No entanto, o facto de ainda se verificar omissão do clítico para qualquer uma das condições, mesmo em crianças de 5 anos de idade, leva à rejeição da *Unique Checking Constraint*, que prevê que a omissão dos clíticos seja resolvida em idades precoces do desenvolvimento.

Tal como em estudos anteriores, os resultados obtidos parecem ser concordantes com a hipótese de a complexidade estar na origem da omissão dos clíticos. A disparidade dos resultados entre o nosso estudo e os que foram sendo referidos pode decorrer das diferentes técnicas que foram utilizadas. No entanto, essa disparidade não invalida a técnica de IP na avaliação do desempenho sintáctico das crianças, uma vez que os resultados não apontam para uma repetição estereotipada, que faria pressupor uma taxa de sucesso de produção dos clíticos próxima dos 100%.

Referências

- Bloom, Lois, L. Hood & Patsy Lightbown (1974) Imitation in language development: if, when and why. *Cognitive Psychology* 6, pp. 380-420.
- Carmona, Jaqueline & Carolina Silva (2006) A aquisição de clíticos dativos em PE: teste piloto. *Textos seleccionados XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL, pp. 199-210.
- Costa, João & Maria Lobo (2005) A aquisição de clíticos em PE: omissão de clíticos ou objecto nulo? *Textos seleccionados XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 285-293.
- Costa, João & Maria Lobo (2006) Complexidade e omissão de clíticos: o caso dos reflexos. *Textos seleccionados XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL, pp. 303-313.
- Duarte, Inês, Gabriela Matos & Isabel Hub Faria (1995) Specificity of European Portuguese Clitics in Romance. In Isabel Hub Faria & Maria João Freitas (orgs.) *Studies on the Acquisition of Portuguese*. Lisboa: APL /Colibri, pp. 129-154.
- Duarte, Inês & Gabriela Matos (2000). Romance Clitics and the Minimalist Program. In João Costa (org.) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press, pp. 116-142.

- Erlam, Rosemary (2006) Elicited Imitation as a measure of L2 implicit knowledge: An empirical validation study. *Applied Linguistics* 27.3, pp. 464-491.
- Gallimore, Ronald & Roland Tharp (1981) The interpretation of elicited sentence imitation in a standardized context. *Language Learning* 31.2, pp. 369-92.
- Howard, S., Hartley, J. & Muller, D. (1995) The Changing Face of Child Language Assessment: 1985-1995. *Child Language Teaching and Therapy*, 11 (1), pp. 7-22.
- Mayeux, Richard & Eric R. Kandel (1999) Disorders of language: The aphasias. In Eric R. Kandel & J. H. Schwartz (eds.) *Principles of neural science*. New York:Elsevier.
- Mehler, Jacques & Anne Christophe (2000) Acquisition of languages: Infant and adult data. In Michael Gazzaniga & Emilio Bizzi (eds.) *The new cognitive neurosciences*. Cambridge: The MIT Press.
- Reinhart, Tanya (2004) The processing Cost of reference Set Computation: Acquisition of Stress Shift and Focus. *Language Acquisition* 12.2, pp. 109-155.
- Schlichting, Liesbeth & Henk Spelberg (2003) A test for measuring syntactic development in young children. *Language Testing* 20.3, pp. 24-66.
- Schwartz, Arthur & David Daly (1978) Elicited Imitation In Language Assessment: A Tool for formulating and evaluating treatment programs. *Journal of Communications Disorders* 11, pp. 25-35.
- Silva, Carolina (2007) A aquisição de pronomes clíticos diferenciados em português europeu. Edição online. Lisboa: FCSH.
- Slobin, Dan & Charles Welsh (1968) Elicited Imitation as a Research Tool in Developmental Psycholinguistics. Working Paper 10. Reprinted In Charles A. Ferguson & Dan I. Slobin (1973) *Studies of child language development*, New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc., pp. 485-97.
- Stromswold, Karin (2000) The cognitive neuroscience of language acquisition. In Michael S. Gazzaniga & Emilio Bizzi (eds.) *The new cognitive neurosciences*. Cambridge: The MIT Press.
- Tsakali, Vina & Kenneth Wexler (2003) Why children omit clitics in some languages but not in others: new evidence from Greek. Edição on-line.
- Valian, Virginia, Stephanie Aubry & James Hoeffner (1996) Young Children's Imitation of Sentence Subjects: Evidence of Processing Limitations. *Developmental Psychology*, 32.1, pp. 153-164.
- Vinther, Thora (2002) Elicited imitation: a brief overview. *International Journal of Applied Linguistics* 12.1, pp. 54-73.